



A POESIA COMO REEXISTÊNCIA: ESTUDO SOBRE A POÉTICA FEMININA NOS *SLAMS* DO DISTRITO FEDERAL

Ângela Costa Amaral¹

Leticia Érica Gonçalves Ribeiro²

RESUMO

Este artigo, apresenta a pesquisa de PIBIC³ que estudou a poesia como forma de reexistência, com um recorte de gênero, a partir do *Slams* existentes no Distrito Federal (DF). Para isso, foram mapeados os *Slams* do DF e selecionadas algumas das poetisas que participam desses eventos, as quais foram entrevistadas e tiveram algumas de suas produções poéticas analisadas. Quanto à metodologia, se utilizou da pesquisa qualitativa, com realização de entrevistas a fim de conhecer a história de vida dessas mulheres, suas percepções sobre o *Slam*, a significação atribuída por cada uma delas a essa expressão literária e, por fim, compreender o lugar e a importância que as batalhas de poesias ocupam em suas vidas. Os dados levantados foram analisados por meio da técnica de *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 1977), com base no referencial teórico sobre Gênero, literatura periférica e ensino de poesia.

Palavras-chave: *Slam*, Poesia, Reexistência, Gênero.

INTRODUÇÃO

A poesia é uma expressão literária cuja origem é anterior à escrita e, talvez por isso, sempre teve uma ligação muito forte com a oralidade. Era por meio de versos que os *aedos* cantavam as histórias e os feitos dos heróis da antiguidade. Exemplo disso são as obras de Homero, que foram compostas em forma de versos, a fim de facilitar a memorização e a transmissão oral. Contudo, muitas vezes, no decorrer da história, sobretudo com o advento da imprensa, a poesia foi deixando de fazer parte da tradição oral e foi adquirindo o aspecto de erudição que a distanciou das classes populares.

Como gênero literário, a poesia, sempre teve mais dificuldade de ganhar espaço dentro da sala de aula ou de conquistar o gosto literário de leitores, embora, segundo Pondé (1982, p. 118), a poesia seja "a linguagem que mais revela o conteúdo

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa no Instituto Federal de Brasília.
angelacostaamaral@gmail.com

² Mestra em Educação, docente do Instituto Federal de Brasília – leticia.ribeiro@ifb.edu.br

³ Pesquisa de Iniciação Científica financiada com recursos IFB em parceria com o FAP-DF.



humano, pois trata, sobretudo, das emoções. (p. 118). De acordo com Goldstein (*apud* GEBARA, 2002, p. 8) o termo "poesia" geralmente é tratado com uma conotação positiva, contudo a vivência da poesia, não goza de tanto prestígio. Para a autora, um dos motivos para essa contradição se deve à "aura sagrada" do fazer poético, que faz com que as pessoas a vejam de forma sacralizada.

Talvez a maneira sacralizada de ver poesia esteja presente em nosso subconsciente, o que nos levaria a considerá-la envolta em misterioso poder mágico, ao mesmo tempo capaz de atrair e assustar as pessoas. Eis um dos motivos para explicar a razão pela qual, embora admirando a poesia, as pessoas dela se mantenham distanciadas. (GOLDSTEIN, 2001 *apud* GEBARA, 2002; p. 10)

Corroborando com essa ideia, Pilati (2017 p. 16) afirma que na escola "a poesia é, em geral, apresentada aos alunos com uma aura de solenidade que apaga suas relações com a vida real das pessoas". Ao ser tratada como um gênero maior, tanto a leitura quanto a escrita de poesias são vistas como algo acessíveis apenas por "pessoas acima da média e cuja leitura carregaria um grau de complexidade acima do que a escola normalmente poderia fomentar."

Os alunos se afastam da poesia porque ela lhes parece inacessível, banhada que está em um manto de falso eruditismo e de leitura protocolar, beletrista e anódina, ligada ao que pregam os manuais de preparação para o vestibular e ao massacre teórico que lhe é impingido pela voracidade acadêmica. Alguns desses alunos se tornarão professores e transmitirão aos seus próprios alunos, seguindo quase sempre o mesmo ritual de instrumentalização, um receio (no melhor dos casos) ou uma ojeriza (nos casos mais graves) ao gênero em questão aqui (PILATI, 2017, p. 19).

Por outro lado, se a poesia, apesar do seu potencial formador, não tem conseguido ocupar o espaço devido na escola, nas últimas décadas ela tem ocupado as praças, as ruas e os pontos de cultura das periferias de muitas cidades brasileiras. Desde o final do século XX, a *literatura periférica ou marginal* tem tomado as cidades por meio de saraus e, mais recentemente, por meio do *Slam*. Trata-se de "uma produção marginal, de pobres, negros, alguns com pouca escolaridade, falantes de uma variedade



linguística desvalorizada e excluída de espaços institucionais como a escola ou as universidades." (VIANA, 2014; p. 54) Ainda segundo a autora:

Toda essa riquíssima produção literária encontrou abrigo e um ponto de articulação nos saraus da periferia. À exemplo das posses no movimento cultural hip hop com seu compromisso político-pedagógico, é nos saraus que a literatura marginal/periférica vai se organizar e expandir ainda mais o seu potencial transformador político, pedagógico e estético. (2014; p. 94).

O *Slam Poetry* foi criado na década de 80 em Chicago, por Marc Kelly Smith, um poeta e trabalhador da construção civil, o *slam poetry* foi pensado como uma alternativa aos clubes literários ou círculos de leituras tradicionais. Trata-se de uma batalha de poesia organizada, na sua origem, em bares de um bairro operário de Chicago.

Foi nesse ambiente que o termo poetry slam foi cunhado, emprestando a terminologia “slam” dos torneios de beisebol e bridge, primeiramente para denominar as performances poéticas, e mais tarde as competições de poesia. (D’ALVA, 2014, p. 120)

Roberta Estrela D’Alva, a fundadora do primeiro *Slam* brasileiro - o ZAP! *Slam*⁴ -, em dezembro de 2008 na cidade de São Paulo, afirma que o *Slam* poderia ser definido, dentre outros, como de diferentes maneiras: “uma ágora onde questões da atualidade são debatidas”. Mais que um acontecimento literário o *poetry slam* se tornou, em todo o mundo, um movimento social, cultural e artístico.

Diferente dos Saraus, que não possui caráter competitivo, o *Slam* é uma batalha de poesia falada com regras próprias que devem ser respeitadas. As regras principais são: as poesias devem ser autorais e inéditas; cada competidor tem três minutos para recitar; não pode ser usado nenhum adereço de cena ou acompanhamento musical; a performance poética é julgada pelo público e pelos jurados, em uma escala de zero a dez, em que a maior e menor nota são excluídas e a média se faz com a ponderação das demais notas.

Atualmente os *Slams* estão presentes em diferentes países do mundo. Cada país desenvolve suas etapas locais e regionais de batalhas e os vencedores participam da

⁴ ZAP é uma abreviação para Zona Autônoma da Palavra



etapa nacional, cujo vencedor/a representa o país na Copa do Mundo de *Slam* em Paris. Roberta Estrela D'Alva, a fundadora do *ZAP! Slam*, foi a primeira representante do Brasil a participar da Copa do Mundo de *Slam*, em 2011.

Para Roberta Estrela D'Alva, (2011; p. 125):

O slam é feito pelas e para as pessoas. (...) É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.

Assim como os saraus, o *Slam* proporciona o empoderamento das classes minoritárias, dão voz aos que foram silenciados, valorizam a cultura e arte popular, marginal e periférica. "Funcionam como resistência político-ideológica fortalecendo seu ethos – são, portanto, letramentos de reexistência e funcionam como uma forma de reexistência". (NEVES, 2017; p. 112.)

No Distrito Federal, o *Slam* se firmou como um lugar de reexistência, sobretudo, feminino. Foi no DF que surgiu o primeiro *Slam* exclusivamente para mulheres, o *Slam das Minas*, idealizado pela escritora Tatiana Nascimento. Foi com a intenção de criar um espaço de fala e de escuta seguro e acolhedor, onde questões feministas como assédio, violências, desigualdades, aborto, empoderamento, dentre outras, pudessem ser tratadas sem preconceitos, que esse *Slam* foi pensado. Segundo Letícia Brito, fundadora do *Slam das Minas do Rio de Janeiro*, o *Slam* das Minas tem um grande potencial empoderador para as mulheres:

Então a ideia inicial do Slam das Minas é essa: poder ter um espaço seguro para que essas pessoas se sintam à vontade, acolhidas, para poderem falar seus poemas. (...) Há uma predominância de meninas pretas, porque é um espaço em que elas se sentem seguras, acolhidas. Nos três eventos que a gente fez até agora, as três vencedoras eram mulheres negras e lésbicas. (Brito, 2017)⁵

⁵ Entrevista concedida à Tayanne Fernandes Cura, em 07/07/2017 in CURA, 2017; p. 10



Foi a partir da concepção de que a poesia é resistência (BOSI, 1977); que a poesia é capaz de transformar o mundo, porque é a atividade revolucionária por natureza (PAZ, 2012); que a palavra poética é um poderoso instrumento político de reivindicação e que o *Slam* é um espaço coletivo de emancipação das vozes subalternas, que bradam sua revolta frente às injustiças sociais, representando a luta das comunidades pela superação das desigualdades, esta pesquisa foi pensada.

Os objetivos principais foram: mapear os *Slams* existentes no Distrito Federal, entrevistar algumas das suas participantes e estudar um pouco da produção poética feminina produzida neles, reconhecendo o valor literário da poesia periférica. Estudar a poesia como forma de reexistência, com um recorte de gênero, a partir do *Slam Poetry*, é dar visibilidade às vozes femininas, que encontram nesse espaço uma forma de se expressar no mundo, de reescrever e contar suas histórias e, por meio delas, contribuir para que as histórias de outras mulheres sejam ressignificadas.

2. METODOLOGIA

2.1. Tipo de pesquisa

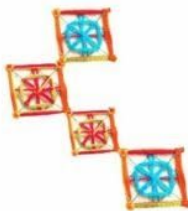
Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e interpretativa, com base nos estudos literários, mais especificamente daqueles que tratam da função social da poesia e dos estudos de gênero. Além disto, trata-se também de uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Minayo (1994), é um modo especial de olhar o fenômeno social investigado, uma vez que possibilita a compreensão de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

2.2. Participantes

As participantes desta pesquisa foram as mulheres *slammers* e algumas organizadoras dos *Slam* do Distrito Federal.

2.3. Descrição dos instrumentos

Os instrumentos, que serviram de suporte para essa pesquisa, consistiram, inicialmente, na investigação bibliográfica sobre o *Slam poetry*; literatura marginal e



poesia na escola, os quais compuseram o referencial teórico deste estudo. Em seguida, foi realizada uma pesquisa na internet e na imprensa escrita, a fim de mapear e conhecer os *Slams* existentes do DF e identificar a participação feminina em cada um deles. As poesias de autoria feminina também foram coletadas, tanto aquelas que possuíam registro escrito, quanto aquelas que estão disponíveis em formato de vídeo na rede.

Num terceiro momento, foram realizadas entrevistas com algumas participantes de batalhas de rimas, utilizando-se de um roteiro composto por seis questões abertas, que serviram para conhecer um pouco da história de vida dessas mulheres, suas percepções sobre o *Slam*, a significação atribuída por cada uma delas a essa expressão literária e, por fim, compreender o lugar e a importância que as batalhas ocupam em suas vidas.

2.4. Tratamento dos resultados

A análise das poesias compiladas foram realizadas tendo como base o referencial teórico sobre literatura marginal/periférica, poesia e gênero. As entrevistas foram analisadas utilizando-se da Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Mapeamento dos Principais Slams do DF

Atualmente no DF, não há tantos *slams* idealizados e tocados por mulheres, mas os existentes possuem uma ampla representatividade de mulheres. Foram mapeados seis *slams* que foram ou que são influentes no DF: **O’Beco Fala**⁶, **Slam Q’Brada**⁷, **Slam DéF**⁸, **Slam Rodô**⁹, **As poetisas na CENA** e **Slam das 6**.

⁶ O’Beco Fala, facebook < <https://www.facebook.com/obecofala/> > Acesso em: 27 ago 2019.

⁷ Disponível em: < <https://www.facebook.com/slam.qbrada/> > Acesso: 14 de janeiro de 2020.

⁸ Disponível em: < https://www.facebook.com/pg/slamdef/about/?ref=page_internal > Acesso em: 14 de janeiro de 2020

⁹ Disponível em: < https://www.facebook.com/pg/slamdef/about/?ref=page_internal > Acesso em: 14 de janeiro de 2020.



O **O’Beco Fala**, foi idealizado por Mariana Gomes e Mateus Santana e acontecia no Mercado Sul, em Taguatinga/DF. De acordo com a idealizadora, o Slam é uma “ferramenta de protesto”, espaço para falar sobre assuntos como machismo, racismo, preconceitos e opressões que um grupo minoritário sofre, fazendo com que o “corpo do poeta se torne uma arma”, um instrumento de manifestação. Além disso, acreditam na democratização da literatura, o que se remete a Antônio Cândido, quando fala sobre a função da literatura, sendo ela uma construção autônoma de estrutura com significado, uma forma de expressão que manifesta emoções e visão de mundo de si ou de mundo e uma forma de conhecimento (CANDIDO, 1975, p. 180), certificando que a literatura deve ter uma função social de humanização e de denúncia.

O **Slam Q’Brada** é coordenado pela poeta e escritora Meimei Bastos, sendo um dos poucos dirigidos por uma mulher. Acontece periodicamente no DF e Entorno. Além disso, Meimei é responsável também de organizar a etapa regional do campeonato de *Slam*, rumo ao *Slam BR*.

Com o objetivo de espalhar a cultura periférica pelo território, surgiu o **Slam DéF**, organizado por Will Junio¹⁰. Atualmente, acontece todas as segundas quintas-feiras do mês, na Biblioteca Salomão Malina, contando com o apoio da Fundação Astrojildo Pereira.

O **Slam Rodô**, é organizado pelo MC Banzo e acontece na rodoviária da cidade administrativa do Gama, referência ao nome. Influenciado pelo *rap*, Werick, mais conhecido como Banzo, representou o Distrito Federal no *Slam BR*¹¹.

As poetisas na CENA é organizado pela poetisa Nega Lu. Diferente dos demais, é um grupo composto por mulheres moradas das periferias do DF e Entorno, que buscam o empoderamento literário através da escrita. Apesar de não propor no espaço uma competição entre as/os poetisas/poetas, contribuem para a cena distrital do *Slam*.

¹⁰ Organizador e apresentador do *Slam DéF*, produtor cultural e professor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6G0Pn2-aH8s>>

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B5bOKSbnVTk/>>.



Organizado por Cleudes Pessoa e Lídia Dallet, o *Slam das 6*¹² aconteceu no ano de 2019, uma vez por mês, no Setor Comercial Sul. O objetivo era a ocupação do espaço público através da arte e cultura e por acontecer no final da tarde, conseguia abranger ao público trabalhador que transitava naquele horário.

3.2. Análise das entrevistas

Depois de mapear os principais Slams do DF, foram realizadas entrevistas com sete Slammers do Distrito Federal, destas, 4 eram também organizadoras de Slams, a saber: Meimei Bastos, Slam Q'Brada; Nega Lu, Poetisas na Cena; Cleudes Pessoa e Lídia Dalet, Slam das 6.

O roteiro de entrevista foi composto por 6 perguntas, as quais foram analisadas, por meio da categorização, proposta pela Análise de conteúdo. Contudo devido à limitação do número de páginas, este artigo se restringe aos comentários, trazendo apenas algumas das falas das entrevistadas.

Pergunta 1: Quem é você? Como você se apresenta?

As mulheres, participantes desta pesquisa, se apresentam por diferentes perspectivas, mulheres negras, periféricas, artistas, profissionais, ativistas.

Meimei: uma mulher negra potente, as vezes triste, não... uma mulher negra que não precisa e não deve suportar todas as dores do mundo. Eu também sou militante, sou feminista, defensora da democracia, da ciência, da educação pública e de qualidade, defendo a universidade pública, eu sou uma militante dos direitos humanos, tanta coisa, né?

Negra Lu: escrevo de forma afrocêntrica, meu ponto de partida é ser mulher negra LGBT e periférica

Todas as entrevistadas têm em comum o fato de serem mulheres negras, de origem periférica, que usam a poesia, principalmente para abordar questões de gênero e raciais e para colocar a periferia no centro.

Pergunta 2: De onde você veio? (a sua história de vida)

¹² <http://www.achabrasilia.com/slam-das-6/>



Carolina Sousa: venho de um contexto de uma avó analfabeta, de uma mãe que tem o Ensino Fundamental e eu, agora, no doutorado, então, uma história de quebra de padrões mesmo.

Cleudes Pessoa: sou uma mulher negra, nordestina, e eu comecei a escrever a partir da minha história de vida.

As entrevistadas falam de ancestralidade negra, de vivência periférica, de convívio intenso com outras mulheres e suas histórias. Histórias que revelam dores, sofrimento, exclusão, pobreza, exploração e até escravidão, contudo o que fica é o exemplo de superação e de realização.

Pergunta 3: Quando se descobriu poeta?

Essa pergunta teve como objetivo, principalmente, perceber em que momento da vida, essas mulheres começaram a se expressar poeticamente, por meio da palavra, falada ou escrita. Uma vez que compreendemos que a poesia está presente de diferentes maneiras e podem ser expressadas em múltiplas linguagens.

Diante das respostas foi possível perceber que o descobrir-se poeta não está relacionado, especificamente, com a educação formal, mas sobretudo com a oralidade, como é o caso de ouvir história ou músicas; com a subjetividade e a busca do autoconhecimento; pelo contato prazeroso com o texto e com as palavras e, até mesmo, com o rompimento do sentimento de obrigação de estar num espaço de educação excludente, como relata Nanda Fer.

Nanda Fer: E eu fiquei um pouco afastada da faculdade, resolvi desistir mesmo depois de deixar trancado e depois dessa desistência, comecei a cuidar de mim, a olhar dentro de mim, a entender mais sobre essa outra perspectiva que eu tinha, em ter esse contato e fortalecer enquanto pessoa (...) me enxergar como artista para além de um diploma.

Pergunta 4: Como se deu o seu contato com o Slam?

As respostas a esta pergunta revelaram que, para a maioria, o contato com o Slam se deu a partir dos saraus ou dos encontros de RAP.

Júlia Nara: meu contato com o *slam* se dá primeiramente, através do *rap*

Carolina Sousa: Então foi nos saraus que eu me descobri artista porque foi um momento que eu comecei a botar a poesia pra fora no microfone.



Pergunta 5: Qual a importância do Slam na sua vida?

Ao responder sobre a importância que o Slam ocupa em suas vidas, as poetisas terminaram por falar da importância do Slam enquanto de uma maneira geral. Desta forma, as respostas puderam ser divididas em três categorias, que de algumas forma, são transversais e se complementam.

Slam como movimento político e de resistência

Cleudes Pessoa: Acho que *Slam* é sinônimo de resistência por meio da poesia falada!

Slam como força que impulsiona

Júlia Nara: A importância do *slam* na minha vida se dá pela ação, pelo movimento, pela direção, (...) o *slam* ele tem uma grande importância por isso, porque a poesia viva é capaz de nos impulsionar pra caminhos largos e caminhos prósperos, eu diria.

Slam como espaço de acolhimento

NandaFer: o *slam* pra mim ele é um espaço que - os que eu participei -, é um espaço de acolhimento, (...) uma coisa bem íntima de partilha, e também de um se olhar no olho, de não ser só um momento talvez de expressão, mas um momento de expressão e partilha.

Slam como movimento literário e cultural

Meimei: (...) movimento que eu acredito que hoje é um movimento literário mais importante, um movimento cultural de juventude mais importante que a gente tem pro Brasil.

Cada uma dá ênfase em aspecto do Slam, de uma maneira geral, todas o compreendem como um espaço de resistência, afirmação, luta e de expressão cultural. Mas também um espaço de empoderamento, de acolhimento, de partilha e de fortalecimento, escuta e respeito entre mulheres.

Pergunta 6: O que lhe faz escrever e a declamar?

Inscrever sua palavra no mundo, tocar o outro, expressar suas diferentes maneira de posicionar no mundo, revelar seus diversos sentires e sentimentos, contar sua própria história, dar voz àquelas pessoas a quem tiraram o direito de se expressar, estes são alguns dos motivos pelos quais, as poetisas, Cleudes Pessoa, Julia Nara,



Carolina Soares, Meimei Bastos, Lídia Dallet, Negra Lu e Nanda Fer, escrevem e declamam suas poesias.

Nega Lu: recitar poesia cura a alma, renova, me faz chorar e também sorrir. A escrita me conforta, a declamação me alivia

As poetisas que participaram desta pesquisa, fazem parte um grupo bem maior de mulheres brasileiras, que tem levado sua poesia às regiões periféricas, democratizando a literatura e dando representatividade a outras mulheres que, ainda, continuam invisibilizadas.

3.3. Análise das Poesias

Por meio da análise de algumas poesias das poetisas é possível afirmar que suas vozes, escritas ou faladas, são carregadas de questões sociais opressoras que estruturaram e estruturam suas vidas, como casos de machismo, racismo, (a falta do) direito à cidade, o cerceamento de uma vida digna e segura. Elas encontraram na poesia um lugar de fala e de acolhimento de seus sentimentos.

Por meio dos Slams, essas mulheres quebram o padrão hegemônico dos espaços culturais e de saberes, transmitindo a mensagem de um lugar não branco, classe média, e sim, de uma mulher, negra, periférica e possivelmente, LBT. Ou seja, a voz das mulheres “não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir” (RIBEIRO, 2018. p.64).

As participantes denunciam em suas poesias as opressões raciais e estruturais que há na sociedade, como forma de protesto e além, de conscientização daqueles que as ouvem declamar. A poética delas representam as vozes de mulheres negras, periféricas e LBT's e reitera sua (re)existência. (Re)Existência não no sentido de fazer-se uma nova existência, mas de afirmar que elas existem e resistem para existirem dignamente.

As poesias trazem a noção de denúncia e resistência, conseguindo levar as/os ouvintes e/ou leitoras/leitores a refletir, convidando-os e se tornarem também parte desse processo de responsabilização da construção de um novo futuro.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o Slam é empoderador, pois dá voz para que as mulheres gritem contra o machismo, a cultura do estupro e a todo o tipo de violência de gênero. Além disso, elas encontram na poesia uma busca constante pela ancestralidade e uma maneira de para se posicionarem no mundo.

Esta pesquisa permitiu conhecer, de maneira significativa, o cenário poético feminino do Distrito Federal, conhecer quem são as vozes que representam a periferia e que usam da palavra, escrita e falada, para se posicionar frente às opressões, ao racismo, ao machismo, à homofobia e às desigualdades. Vozes que, também, cantam a liberdade, a esperança, o afeto, o respeito e o amor. Concluimos que a poética feminina, por meio dos *slams* do Distrito Federal está cada vez mais presente em diferentes espaços e, alcançando uma projeção nacional. O mapeamento das poetisas e dos *slams* dos últimos anos, proporcionou conhecer a história do movimento cultural, social e político, que atualmente caracteriza esses espaços, para além da competição em si.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. C. de. **Poesia de resistência na escola pública: compromisso ético e formação de identidade.** USP- Dissertação (Mestrado), São Paulo, 2017.

BASTOS, Meimei. **Um verso e mei.** Rio de Janeiro: Malê Edições, 2017.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BOSI, A. **O Ser e o Tempo da Poesia.** São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.



D'ALVA, E R. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam invade a cena.** Synergies Brésil, n9, 2011, pp. 119-126. Disponível em: <<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>> Acesso em: 08 de out. 2018.

GEBARA, A. E. L. **A poesia na escola.** São Paulo: Cortez, 2009.

MINAYO, C. S. M. Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, C. S. M. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

NEVES, C. A. B. **Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo** Linha D'Água. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

PAZ, O. **O Arco e a Lira.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PILATI, A. **Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino.** Campinas: Pontes Editores, 2017.

PONDÉ, G. F. **Poesia e folclore para a criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, D. **O que é o empoderamento feminino?** In: Carta Capital. São Paulo, 25 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/971/o-que-e-o-empoderamento-feminino>>. Acesso em: 28 de mar. 2020.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STELLA, M. G. P. **A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo.** Ponto Urbe, São Paulo, 2015. n. 17, p. 1-15.

VIANA L. **Poetry slam na escola: embate de vozes entre tradição e resistência.** UNESP. Dissertação de Mestrado, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/153407>>. Acesso em: 11 de fev. 2020.